



Só a confiança e nada mais

Frei Patrício Sciadini*

O que nos surpreendeu na exortação foi que não se detém numa apresentação geral das ideias de Santa Teresinha, mas, sim, num aspecto particular, que constitui também o cerne de toda a visão teológica, missionária e pastoral do Papa Francisco: a misericórdia. Um tema que ainda não foi adequadamente aprofundado. Desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco tem demonstrado seu apreço pela pequena-grande Teresa, a mística missionária. Como não lembrar sua resposta, na viagem a caminho da Jornada Mundial da Juventude no Brasil, quando perguntado sobre o que trazia na sua mala: o barbeador e o livro *História de uma Alma*. Embora ele nunca tenha declarado como surgiu o seu enamoramento pela “Santa das Rosas”, creio que tenha sido a partir da simplicidade de sua visão da santidade como um ideal para todos; da linguagem compreensível por todos; o deixar-se amar pelo Senhor, que nos aceita como somos; a sua oração pelos pecadores e pelos sacerdotes.

“Só a confiança” (título da exortação apostólica) na misericórdia, neste momento histórico, tem a força de romper as barreiras e os muros do egoísmo. Assim, a mensagem de Teresa é uma realidade que acontece com uma promessa de fazer cair uma chuva de rosas de paz e de amor (cf. *C'est la confiance* CC 42-45)

A graça, a gratuidade, o amor aos últimos nos liberta da “autorreferencialidade” e nos oferece a possibilidade de abrir-nos a todos os que sofrem. É o desejo do Papa no final da exortação (CC 52). Num tempo de egoísmo, num período em que nos fechamos em nós mesmos, numa época de individualismo, em que estamos obcecados pela grandeza, num tempo em que descartamos os outros, num momento de complexidade, Teresinha pode nos ajudar a redescobrir a simplicidade, o primado do amor, da confiança e do abandono, superando a lógica legalista e moralista, que enche a vida cristã de obrigações e preceitos, “e



O Papa Francisco, no dia 15 de outubro, não nos surpreendeu com a publicação da exortação apostólica *C'est la confiance* (CC), para celebrar os 150 anos do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, pois já havia anunciado em várias circunstâncias. Como ele mesmo disse, desejou publicar esta carta longe das “datas” teresianas (cf. CC 4), para que a sua mensagem tivesse um caráter mais eclesiológico, e colocasse em evidência as duas Teresas: a de Ávila, e a de Lisieux, no seu amor pela Igreja.

congela a alegria do Evangelho” (CC 52).

O desejo do Papa Francisco é que Santa Teresinha nos ajude a sair de nós mesmos. Uma saída missionária, uma missionariedade por atração e não proselitista (cf. CC 10). Uma chuva de rosas pode tornar menos triste o tempo de guerras que estamos vivendo. Teresa é mais viva do que nunca na Igreja e no mundo. É a Santa mais amada no mundo, assim como São Francisco de Assis é o mais amado; não só pelos católicos e os demais cristãos, mas também

pelos não cristãos (cf. CC 4). Eu dou o meu testemunho pessoal de como, no Egito, em nossa Basílica de Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, todos os dias vêm católicos, ortodoxos e muçulmanos, para rezar à “Santa das rosas”.

A exortação apostólica “só a confiança e nada mais” pode parecer simples demais, mas na verdade exige uma leitura com atenção e uma abertura para ler os escritos da Santa de Lisieux, que faz nascer o seu amor a Jesus, “seu único amor”, a sua abertura para os pecadores e

os sacerdotes, o seu “encontrar o seu lugar na Igreja”: “no coração da Igreja eu serei o amor!” O ser missionária ao lado dos missionários, seus irmãos espirituais, nasce de uma confiança sem limites na misericórdia, e em um diálogo de amor e de reciprocidade.

“Deus não pode colocar no coração de uma pessoa um desejo que não seja realizável...”. Tudo é pura misericórdia e confiança. *C'est la confiance* exige não só uma leitura espiritual, eclesiológica, mas também pastoral. O povo espera conhecer um caminho de santidade que seja acessível a todos, que não coloque nos ombros frágeis da nossa humanidade pesos que nós, pastores, não tocamos nem com um dedo. Teresinha nos adverte de que o desejo de ser santos é amar e ser amados.

*Sacerdote carmelita, nascido em Arezzo, na Itália. Trabalhou por vários anos no Brasil, tendo se naturalizado brasileiro. Reside no Egito desde 2010, onde é reitor da Basílica de Santa Teresinha. É especialista na espiritualidade dos santos carmelitas.

A confiança no amor

Cesar Augusto Nunes de Oliveira*

O Papa Francisco presenteou a Igreja com uma exortação apostólica sobre a confiança no amor misericordioso de Deus, neste 2023 em que se celebra os 150 anos do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus, mais conhecida como Santa Teresinha para diferenciá-la de Santa Teresa de Jesus, ou de Ávila, a fundadora do Carmelo reformado.

A primeira surpresa desta exortação apostólica é que seu título não é em latim — como é o costume, por ser essa a língua oficial do Vaticano —, mas sim em francês, a língua materna de Santa Teresinha, evidenciando o conselho do Papa de buscarmos nas fontes a “ciência do amor”, da pequena grande doutora da Igreja.

O título da exortação apostólica traduzido para o português sugere

A exortação apostólica do Papa Francisco, fundamentada na Doutrina de Santa Teresinha, é um convite aos homens e mulheres deste tempo a se lançarem na grande aventura da confiança naquele que, sendo Deus, se fez homem para partilhar a nossa existência humana, morreu numa cruz para perdoar nossos pecados e ressuscitou para nos comunicar a sua própria vida: Jesus Cristo.

que “só a confiança e nada mais do que a confiança tem de conduzir-nos ao Amor”, e é retirado da carta nº 197, conforme catalogada nas Obras Completas de Teresinha. Essa carta é uma resposta à sua irmã mais velha, a também carmelita Irmã Maria do Sagrado Coração, a qual lhe escreveu um bilhete dizendo que ficou triste ao perceber que não tem o mesmo desejo pelo martírio que Teresinha, ao que ela respondeu: “Eis uma prova de que não amo a Jesus como vós amais”.

O fato de que “só a confiança e nada mais do que a confiança tem de

conduzir-nos ao Amor” é a fonte da doutrina de Teresinha que o Papa propõe para a humanidade de hoje, para a Igreja e para cada um de nós. A confiança na misericórdia de Deus que se revelou plenamente na pessoa de Jesus Cristo, tal como vemos no Evangelho de João: “Deus tanto amou o mundo que entregou seu filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Jo 3,16)

Nessa mesma carta, Teresinha diz à sua irmã: “Ah! Sei muito bem que não é nada disso que agrada a Deus na minha alma pequenina, o que lhe

agrada é ver-me amar a minha pequenez e a minha pobreza, é a esperança cega na sua misericórdia...eis meu único tesouro”. É essa confiança cega na infinita misericórdia divina, manifestada plenamente em Jesus, a chave para o caminho da santidade; unindo-se a esse, há ainda outro ensinamento de Teresinha expresso nessa mesma carta: “Deus nunca inspira desejos que não se possa realizar”.

A confiança na misericórdia divina e o desejo de amar a Cristo — o único capaz de saciar a sede de beleza, bondade, verdade, justiça e felicidade que existe no coração humano — e, por causa disso, o anseio de que Jesus seja mais conhecido, adorado, obedecido, amado e proclamado, nos faz viver um caminho de autêntica santidade e, conseqüentemente, de felicidade.

* Fundador e Moderador do Movimento da Transfiguração

Genialidade de uma alma humilde e apaixonada

“C’EST LA CONFIANCE et rien que la confiance qui doit nous conduire à l’Amour – só a confiança e nada mais do que a confiança tem de conduzir-nos ao Amor” (Carta 197, à Irmã Maria do Sagrado Coração, 17/set/1896)*.

Essas palavras tão incisivas de Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face dizem tudo, sintetizam a genialidade da sua espiritualidade e seriam suficientes para justificar o fato de ter sido declarada Doutora da Igreja. Só a confiança e “nada mais” ... Não há outra via que devamos percorrer para ser conduzidos ao Amor que tudo dá. Com a confiança, a fonte da graça transborda na nossa vida, o Evangelho faz-se carne em nós e transforma-nos em canais de misericórdia para os irmãos.

É a confiança que nos sustenta cada dia e nos manterá de pé diante do olhar do Senhor, quando nos chamar para junto de Si: “Na noite desta vida, aparecerei diante de Vós com as mãos vazias, pois não Vos peço, Senhor, que conteis as minhas obras. Todas as nossas justicas têm manchas aos vossos olhos. Quero, portanto, revestir-me com a vossa própria Justiça, e receber do vosso Amor a posse eterna de Vós mesmo” (Oração 6, Oferecimento de mim mesma como vítima de holocausto ao amor misericordioso de Deus, 09/jun/1895).

O Nome de Jesus cadenciou continuamente a “respiração” de Teresa como ato de amor, até o último respiro. Na sua cela, gravara estas palavras: “Jesus é o meu único amor”. Foi a sua interpretação da afirmação culminante do Novo Testamento: “Deus é amor” (1 Jo 4, 8.16).

Iniciando a exortação apostólica C’est la confiance (CC 1-11), o Papa Francisco nos propõe a confiança – característica de Santa Teresinha – no amor misericordioso de Deus, que se desdobra em sua alma missionária.



Como sucede em todo o encontro autêntico com Cristo, esta experiência de fé chamava-a para a missão. Teresa pôde definir a sua missão com as seguintes palavras. “Eu desejarei no Céu o mesmo que na terra: amar Jesus e fazê-Lo amar” (Carta 220, ao Padre M. Bellière, 24/fev/1897). Escreveu que entrara no Carmelo “para salvar as almas” (Manuscrito A, 69ft). Por outras palavras, não con-

cebria a sua consagração a Deus sem a busca do bem dos irmãos. Partilhava o amor misericordioso do Pai pelo filho pecador e o do Bom Pastor pelas ovelhas perdidas, distantes, feridas. Por isso, é padroeira das missões, mestra de evangelização.

As últimas páginas da História de uma alma são um testamento missionário, exprimem a sua maneira de entender a evangelização

por atração (*Evangelii gaudium*, EG 14, 264) e não por pressão ou proselitismo. Vale a pena ler como ela própria a sintetiza: “Atraí-me, correremos ao odor dos vossos perfumes (cf. Ct 1, 3-4). Ó Jesus, nem sequer é necessário dizer: ‘Atraindo-me, atraí as almas que amo!’ Esta simples palavra: ‘Atraí-me’, basta. Senhor, eu compreendo. Quando uma alma se deixou cativar pelo odor inebriante dos vossos perfumes, não seria capaz de correr sozinha: todas as almas que ama são arrastadas atrás dela. Isto faz-se sem constrangimento, sem esforço; é uma consequência natural da sua atração para Vós. Assim como uma torrente, lançando-se impetuosamente no oceano, arrasta consigo tudo o que encontrou no seu percurso, do mesmo modo, ó meu Jesus, a alma que mergulha no oceano sem limites do vosso amor, leva com ela todos os tesouros que possui... Senhor, bem o sabeis, não tenho mais nenhum tesouro a não ser as almas que Vos aprouve unir à minha” (Manuscrito C, 34v°).

O que impressiona é ver como Teresinha, ciente de estar próxima da morte, não vive esse mistério fechada em si mesma, procurando apenas um sentido consolador, mas vive-o com um ardente espírito apostólico. No coração de Teresinha, a graça do Batismo tornou-se uma torrente impetuosa que deságua no oceano do amor de Cristo, arrastando consigo uma multidão de irmãs e irmãos, o que se verificou especialmente depois da sua morte. Foi a sua prometida “chuva de rosas” (*Últimos colóquios. Caderno Amarelo*, 09/jun/1897).

* Todas as citações a partir de SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE. Obras Completas. Textos e últimas palavras.

A Doutora da síntese

*No final da exortação apostólica **C'est la confiance** (cf. CC 48-53), o Papa Francisco nos apresenta o núcleo da mensagem e do testemunho de Santa Teresinha para a Igreja de hoje e para cada um de nós.*

O centro da moral cristã é a caridade, que é a resposta ao amor incondicional da Trindade, de modo que “as obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito” (*Evangelii gaudium*, EG 37). Em última análise, conta só o amor.

Precisamente, a contribuição específica que Teresinha nos oferece como Santa e como Doutora da Igreja não é analítico, como poderia ser, por exemplo, o de São Tomás de Aquino. A sua contribuição é sobretudo sintética, porque a sua genialidade consiste em levar-nos ao centro, àquilo que é essencial, àquilo que é indispensável. Com as suas palavras e com o seu percurso pessoal, mostra que – embora todos os ensinamentos e normas da Igreja tenham a sua importância, o seu valor, a sua luz – alguns são mais urgentes e mais constitutivos para a vida cristã. Foi nestes que Teresa fixou o olhar e o coração.

Como teólogos, moralistas, es-

tudiosos de espiritualidade, como pastores e como crentes, cada qual no respetivo âmbito, temos ainda necessidade de acolher esta intuição genial de Teresinha e tirar as devidas consequências teóricas e práticas, doutrinárias e pastorais, pessoais e comunitárias. São necessárias audácia e liberdade interior para o poder fazer [...]

Num tempo que nos convida a fechar-nos nos próprios interesses, Teresinha mostra a beleza de fazer da vida um dom. Num período em que prevalecem as necessidades mais superficiais, ela é testemunha da radicalidade evangélica. Numa época de individualismo, ela faz-nos descobrir o valor do amor

que se torna intercessão. Num momento em que o ser humano vive obcecado pela grandeza e por novas formas de poder, ela aponta a via da pequenez. Num tempo em que se descartam tantos seres humanos, ela ensina-nos a beleza do cuidado, do ocupar-se do outro. Num momento de complexidade, ela pode ajudar-nos a redescobrir a simplicidade, o primado absoluto do amor, da confiança e do abandono, superando uma lógica legalista e moralista que enche a vida cristã de obrigações e preceitos e congela a alegria do Evangelho. Num tempo de entrincheiramento e reclusão, Teresinha convida-nos à saída missionária, conquistados pela atração

de Jesus Cristo e do Evangelho.

Século e meio depois do seu nascimento, Teresa está mais viva do que nunca no meio da Igreja em caminho, no coração do povo de Deus. Está a peregrinar conosco, fazendo o bem sobre a terra, como tanto desejou. O sinal mais belo da sua vitalidade espiritual são as inúmeras ‘rosas’ que vai espalhando, isto é, as graças que Deus nos concede pela sua intercessão cheia de amor, para nos sustentar no percurso da vida:

*Amada Santa Teresinha,
A Igreja precisa de fazer
resplandecer*

*A cor, o perfume, a alegria do
Evangelho.*

Enviái-nos as vossas rosas!

*Ajudai-nos a ter sempre confiança,
Como fizestes vós,*

*No grande amor que Deus tem por
nós,*

Para podermos imitar cada dia

*A vossa ‘pequena via’ de santidade.
Amém.*

Teresa é ‘ar fresco para a Igreja’

Monja beneditina
camaldolense

Para lançar sua exortação apostólica *C'est la confiance* (CC), que nos apresenta Santa Teresa do Menino Jesus e a sua mensagem, o Papa Francisco não escolheu nenhuma data ligada a Santa Teresinha, mas, sim, o dia em que se celebra a grande santa mística espanhola, Teresa de Ávila, 15 de outubro, porque Teresinha é o “fruto maduro” do caminho percorrido por ela (cf. CC 4). Santos geram santos... O bem gera o bem... A experiência de Santa Teresa D'Ávila e o ensinamento espiritual que transmitiu às suas filhas, o estilo de vida que fundou e o seu grande amor pela Igreja, permitiram a Santa Teresinha percorrer todo o seu caminho nessa mesma direção, na fé e na confiança em Deus.

O Papa deseja que essa exortação seja considerada “parte do tesouro espiritual da Igreja” (CC 4). Por que? Porque nos falta confiança... Embora nos tornemos cada vez mais autoconfiantes, falta-nos confiança.... Confiança que leva ao Amor, a Deus que é Amor. Falta-nos esperança e confiança porque não acreditamos com fé viva que existe ALGUÉM que segura a nossa mão na vida, que nos segura na Sua mão.

Sentimos falta do amor. Para Teresinha, o momento decisivo foi quando, procurando desesperadamente a própria vocação (mesmo tendo sido feliz durante anos no seu mosteiro das carmelitas descalças), descobriu na carta de São Paulo aos Coríntios que existem muitos carismas, mas entre eles o maior é o amor. Assim o descreve:

“Como as minhas imensas aspirações eram para mim um martírio, recorri às cartas de São Paulo, para finalmente encontrar uma resposta. Meus olhos caíram por acaso nos capítulos 12 e 13 da primeira carta aos Coríntios, e li na primeira que todos não podem ser apóstolos, profetas

e mestres ao mesmo tempo e que a Igreja é composta de vários membros e que o olho não pode ser a mão ao mesmo tempo. Uma resposta clara, certamente, mas não uma que satisfizesse os meus desejos e me desse paz. Continuei lendo e não desanimei. Até que encontrei uma frase que me deu

*O Papa Francisco nos diz que estas palavras, “serei o amor”, são a opção radical de Teresinha por uma Igreja que não seja triunfalista, mas “amorosa, humilde e misericordiosa” **C'est la confiance**, (cf. CC 40). Oferece-nos a figura de Teresinha e o seu caminho de fé como “uma grande luz também para nós hoje, para não nos escandalizarmos pelos limites e fragilidades da instituição eclesial, marcada pelas trevas e pelos pecados” (CC 41). Cada um de nós precisa encontrar o seu lugar na Igreja, encontrá-lo todos os dias com as escolhas que fazemos e fazer frutificar aquela semente de bondade e de amor que Deus colocou nos nossos corações com o Batismo. Teresinha é “ar fresco para a Igreja”, um convite à ousadia e à liberdade, para nos deixarmos conduzir ao “centro, ao essencial, ao indispensável” (idem).*



alívio: ‘Aspire aos maiores carismas. E eu vos mostrarei um caminho melhor que todos’ (1Cor 12,31). Com efeito, o Apóstolo declara que mesmo os melhores carismas não são nada sem a caridade, e que esta mesma caridade é o caminho mais perfeito que conduz com segurança a Deus. Finalmente, encontrei a paz. Considerando o corpo místico da Igreja, não me encontrei em nenhum dos membros que São Paulo descreveu, ou melhor, quis me ver em todos eles. A caridade me ofereceu a pedra angular da minha vocação. Entendi que a Igreja tem um corpo composto de vários membros, mas que a este corpo não pode faltar o membro necessário e mais nobre. Entendi que a Igreja tem um coração, um coração queimado pelo amor. Compreendi que só o amor impulsiona os membros da Igreja à ação e que, uma vez extinto este amor, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os mártires já não derramariam o seu sangue. Compreendi e soube que o amor abrange todas as vocações, que o amor é tudo, que se estende a todos os tempos e lugares, numa palavra, que o amor é eterno. Então, com grande alegria e êxtase de alma, gritei: ‘Ó Jesus, meu amor, finalmente encontrei minha vocação. Minha vocação é o amor. Sim, encontrei meu lugar na Igreja e você me deu esse lugar, oh, meu Deus. No coração da Igreja, minha mãe, serei o amor e assim serei tudo e meu desejo se traduzirá em realidade’ (SANTA TERESINHA, *História de uma alma*, São Paulo: Paulus).

Amor que se torna intercessão

José Eduardo Câmara*

“Não pretendo ficar inativa no Céu, meu desejo é continuar trabalhando pela Igreja e pelas almas. Peço isso a Deus e tenho certeza de que Ele atenderá meu pedido”. Assim escrevia Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, poucos meses antes de sua morte, ao seu irmão espiritual Padre Roulland (*Carta 254, 14/jul/1897*).

Hoje, podemos afirmar sem sombra de dúvidas que Deus atendeu seu pedido. A jovem carmelita falecida com apenas 24 anos não cessou de trabalhar pelas almas e a Igreja reconheceu agradecida sua missão de Amor.

Há pouco mais de 25 anos, ela era proclamada Doutora da Igreja por São João Paulo II. E agora, o Papa Francisco nos mostra a atualidade da mensagem de Santa de Lisieux, por meio da exortação apostólica *C'est la Confiance* (CC).

O Papa quer nos apontar para o essencial da espiritualidade de Teresinha. Costumeiramente, os documentos pontifícios são chamados pelas primeiras palavras latinas que o iniciam, mas aqui é o francês a língua

Assim afirma o Papa Francisco: “Numa época de individualismo, ela [Santa Teresinha] faz-nos descobrir o valor do amor que se torna intercessão” (C'est la Confiance, CC 52). Sim, nela a oração não admite individualismos, muito pelo contrário, pois o Amor nos torna almas eclesiais, autenticamente missionárias. A própria Igreja a proclamou como Padroeira – com São Francisco Xavier – das Missões!

adotada. O Papa inicia o documento com as palavras de Teresinha: “*C'est la confiance et rien que la confiance qui doit nous conduire à l'Amour* – só a confiança e nada mais do que a confiança tem de conduzir-nos ao Amor”.

Santa Teresinha foi antes de tudo uma contemplativa. Assim escreve o Santo Padre: “O Nome de Jesus cadenciou continuamente a ‘respiração’ de Teresa como ato de amor, até ao último respiro. Na sua cela, gravava estas palavras: ‘Jesus é o meu único amor’. Foi a sua interpretação da afirmação culminante do Novo Testamento: ‘Deus é amor’ (1 Jo 4, 8.16)” (CC 8).

Na tradição do Carmelo, a ora-

ção é entendida como uma relação de amizade, é um trato amoroso com Deus Amor. E Santa Teresinha é plenamente carmelita, filha de Santa Teresa de Jesus, como indica o próprio Papa. Para ela, a oração brota do amor.

É interessante notar que a própria Igreja tornou sua a definição de oração de Santa Teresinha, pois o *Catecismo da Igreja Católica* (CIC), ao responder à pergunta “O que é a oração?” traz uma citação dela: “Para mim, a oração é um impulso do coração, é um simples olhar lançado para o céu, é um grito de gratidão e de amor, tanto no meio da tribulação quanto no meio da alegria” (CIC 2558).

No centro da vocação particular de Santa Teresinha está o seu *Ato de Oferecimento ao Amor misericordioso*, no qual ela se faz totalmente disponível à ação vivificante do Amor. Nesse *Ato*, escreve: “Quero, ó meu Bem-amado, a cada batida do meu coração renovar esta oferenda um número infinito de vezes, até que, uma vez dissipadas as sombras, eu possa redizer o meu Amor em um Face a Face Eterno!...”

Escreve o Santo Padre: “O ato de amor ‘Jesus, amo-Te’, vivido continuamente por Teresa ao ritmo da respiração, é a sua chave de leitura do Evangelho” (CC 34). Portanto, o caminho interior de Santa Teresinha, fazendo desse ato de amor o centro da sua existência, se torna um *hesicasmo*, uma forma de oração: cada batida de seu coração é um oferecimento, cada respiração sua é um ato de amor. Sua própria *lectio divina* – alimento cotidiano dos Carmelitas, como se vê na Regra de Santo Alberto – brota do seu ato de amor.

*Advogado, tradutor e escritor. É autor do livro “Os anjos na vida dos santos”.

Cine & vídeo

Um dia e meio

A Netflix oferece um thriller policial consistente e com capacidade de atrair a atenção do espectador – ficou entre os Top10 da plataforma na semana de seu lançamento – que, ao mesmo tempo, introduz reflexões que nesses tempos tão conturbados são muito necessárias.

Rafael Ruiz*

É um filme sueco, que procura refletir a diversidade étnica atual do país. Artan, albanês, divorciado recentemente de Louise, uma enfermeira sueca, e Lukas, um policial de origem provavelmente libanesa ou síria, protagonizam o filme, que acontece no intervalo de um dia e meio. O ex-marido invade o hospital onde trabalha Louise e ameaça-a com um revólver porque quer se encontrar com a filha pequena, que ficou sob a custódia da mãe. A polícia cerca o hospital e Lukas, um inspetor de polícia, se oferece como “refém”, mas acaba sendo forçado a dirigir um carro, com o sequestrador no banco traseiro apontando permanentemente o revólver contra sua ex-mulher.

A partir desse momento, durante uma perseguição contínua, a tensão aumenta e o diálogo dentro do carro vai tentando explicar para os espectadores o motivo de toda essa violência. São temas que nos últimos anos não apareciam mais nos cinemas, a não ser em alguns poucos filmes e quase nunca nos de ação. A partir da perspectiva do policial, vamos torcendo para que a situação se resolva da melhor maneira, mais ainda a partir do momento em que a criança, no seu bercinho, também passa a ser passageira do carro.

Em diálogos curtos, tensos e pouco delicados, que vão aparecendo como espasmos, enquanto o carro vai



percorrendo as estradas da Suécia, e tanto o inspetor quanto o espectador ficam preocupados porque o dedo não sai do gatilho e Artan vai ficando cansado, nervoso, tenso e com sono a ponto de poder disparar em qualquer momento, mesmo sem querer, o filme nos leva a pensar e refletir sobre o sentido da existência, a forma de encarar e de viver a própria vida, a maneira de cuidar ou não cuidar dos filhos e tudo quanto se pode dizer e

pensar quando a nossa vida pende de um fio. Talvez o momento mais esclarecedor de todo o drama seja quando o carro e os seus três passageiros chegam a casa dos avós da criança, os pais da Louise. Os diálogos entre os pais, carregados de ódio e xenofobia contra o ex-genro, e de decepção e raiva contra a própria filha, dão um pouco de luz, não muita, para tentar entender os motivos de tudo aquilo a que estamos assistindo. Assim como

talvez o momento mais emotivo do filme seja quando o sequestrador empresta o seu celular para que o policial ligue para o seu filho, que está decepcionado com o pai e que pouco se veem e falam, para que o cumprimente pelo seu aniversário.

De acordo com uma entrevista que o próprio diretor deu, parece que se inspirou numa curta notícia de jornal. Fares perguntou-se naquele momento o que poderia levar um ex-marido a ameaçar e colocar em risco a vida da sua ex-esposa apenas para poder ver a filha de ambos. Como ele mesmo disse, tinha pouca coisa ali no jornal, mas percebia que poderia ser uma história de amor. E com essas premissas, acabou realizando o seu longa-metragem.

É um filme que, dentro do que se propõe, não decepciona. Atrai e prende pela sua ação e intensidade típica de *thriller* e, ao mesmo tempo, desperta questões às quais importa muito refletir. Vale a pena.

* Professor de História da América da UNIFESP

UM DIA E MEIO
(*En Dag och en Halv*)
Gêneros: Ação, Drama, Suspense
Direção: Fares Fares
Roteiristas: Fares Fares, Peter Smirnakov
Elenco: Fares Fares, Alma Pöysti e Alexej Manvelov
Produção: Suécia, 2023
Duração: 1h34'
Disponível: Netflix